

“Não faço para ser um MC, eu faço para sair do meu mundo”: a batalha de rap como prática formativa e espaço de reconstrução de sentido e pertencimento no hip-hop

MODALIDADE: COMUNICAÇÃO

SA 2: Educação Musical

Resumo. Esta comunicação apresenta um recorte de uma pesquisa de mestrado em andamento que investiga a dimensão formativo-musical das batalhas de rap em Natal/RN, com foco na experiência de Grito, MC e organizador da Batalha do Nova. Tem como objetivo investigar a dimensão formativo-musical do Hip-Hop a partir da perspectiva de três jovens da Batalha do Nova em Natal/RN. A pesquisa adota uma abordagem qualitativa e um estudo de caso etnográfico, combinando observações participantes e entrevistas semiestruturadas. Com base na perspectiva da etnografia de rua, o estudo reconhece as batalhas de rima como práticas culturais localizadas, enraizadas nas dinâmicas urbanas das periferias. As falas de Grito evidenciam a batalha como espaço de resistência, aprendizagem, construção identitária e transformação social. Ele narra como o hip-hop possibilitou reconfigurar sua trajetória, fortalecendo sua coragem, consciência crítica e compromisso com a comunidade. A análise revela que, mais do que performance, as batalhas se constituem como territórios formativos, nos quais a música, a palavra e a rua se entrelaçam na produção de sujeitos e sentidos. O estudo contribui para o debate sobre juventudes, música e educação nas margens da cidade.

Palavras-chave: Rap; Juventudes periféricas; Formação musical.

Title. *"I don't do it to be an MC, I do it to escape my world": rap battles as formative practice and space for reconstructing meaning and belonging*

Abstract. This paper presents a section of an ongoing master's research that investigates the formative-musical dimension of rap battles in Natal, Brazil, focusing on the experience of Grito, an MC and organizer of the Batalha do Nova. It aims to investigate the formative-musical dimension of Hip Hop from the perspective of three young people from Batalha do Nova in Natal/RN. The study adopts a qualitative approach and an ethnographic case study methodology, combining participant observation and semi-structured interviews. Drawing from street ethnography, the research frames rap battles as situated cultural practices that articulate music, politics, identity, and territory. Grito's narrative reveals the battle as a space of resistance and reinvention, where belonging is constructed, community bonds are strengthened, and meanings about life in the periphery are elaborated. He states, "I don't do it to be an MC, I do it to escape my world," expressing the subjective and transformative power of the practice. The findings show that battles are not just arenas for performance but formative territories where youth build trajectories, produce knowledge,



and assert their existence. The study contributes to debates on youth, music education, and urban cultures.

Keywords: Rap; Peripheral youth; Musical formation.

1. Introdução

As batalhas de rima, enquanto manifestações do hip-hop, configuram-se como espaços vivos de produção estética, crítica e educativa, especialmente em territórios periféricos marcados por desigualdades históricas e violências estruturais. Muito além da disputa poética entre MCs, esses eventos têm desempenhado um papel importante na formação musical e sociopolítica de jovens que vivem e criam nas margens da cidade, articulando arte, identidade, pertencimento e resistência. É nesse contexto que se insere a presente pesquisa, que busca compreender os sentidos formativos atribuídos às batalhas de rap por seus participantes, com ênfase na cidade de Natal, Rio Grande do Norte.

Este trabalho apresenta um recorte da pesquisa de mestrado em andamento e foca na experiência de um dos interlocutores do estudo: David, conhecido como *Grito*, MC e organizador da Batalha do Nova. Por meio de sua trajetória, são analisados os modos pelos quais a vivência nas batalhas contribui para processos de aprendizagem musical, construção de sentido, crítica social e reelaboração subjetiva. *Grito* não apenas rima, mas organiza, mobiliza e narra, a partir de seu corpo e de sua memória, as múltiplas dimensões que compõem o cotidiano das periferias e a pulsação do hip-hop como prática transformadora.

A investigação parte de uma abordagem qualitativa e etnográfica, articulando observações participantes e entrevistas semiestruturadas. Nesse recorte, a ênfase está na análise da fala de *Grito* sobre sua formação, seu envolvimento com a batalha e suas aprendizagens que emergem da prática como MC. A perspectiva abordada pelo jovem oferece elementos potentes para refletir sobre os efeitos formativos das batalhas de rima, ao evidenciar como esse espaço cultural opera como alternativa ao silenciamento, à exclusão e à criminalização da juventude negra e periférica.

A partir de sua experiência, buscamos compreender como a batalha se constitui como um território educativo que mobiliza saberes musicais e sociopolíticos, ao mesmo tempo em que permite a construção de trajetórias marcadas por resistência, criatividade e afirmação de



identidades. O presente texto, portanto, pretende contribuir com os estudos sobre educação musical e cultura urbana, reconhecendo as periferias não como espaços de carência, mas como lugares de produção de conhecimento e potência cultural.

2. Revisão Bibliográfica

A produção acadêmica sobre o hip-hop no Brasil tem crescido de forma significativa nas últimas décadas, sobretudo em diálogo com os campos da educação, da sociologia, da antropologia e da música. No contexto desta pesquisa, interessam especialmente os estudos que discutem a dimensão formativa do hip-hop e, em particular, das batalhas de rap, como práticas que articulam estética, identidade e política nos territórios periféricos.

Santos (2012), ao investigar práticas educativas em contextos não formais em Salvador/BA, evidencia como o hip-hop opera como ferramenta pedagógica potente na construção de laços de solidariedade e pertencimento entre jovens da periferia. Segundo a autora, esses espaços extrapolam os limites da escola tradicional e criam territórios de acolhimento e formação, nos quais se compartilham experiências, saberes e afetos (Santos, 2012, p. 81-82).

Loureiro (2015) aprofunda essa discussão ao examinar os efeitos do rap na formação sociopolítica de jovens das periferias urbanas. Com base em entrevistas com MCs, a autora demonstra que o gênero não apenas impulsiona o desenvolvimento de habilidades artísticas e linguísticas, mas também fomenta a criticidade e a tomada de consciência sobre questões sociais, raciais e econômicas. Para esses jovens, o rap constitui um espaço de elaboração de mundo e de agência política (Loureiro, 2015, p. 153).

Essa dimensão política é também central no conceito de “rap engajado” proposto por Gonçalves (2013), que compreende o hip-hop como uma prática estética e, ao mesmo tempo, uma ética de vida. O engajamento não se restringe à criação artística, mas se estende à atuação comunitária, à resistência simbólica e à luta pela dignidade dos territórios periféricos. Para o autor, trata-se de uma arte produzida “de modo subvertente às lógicas capitalistas, tendo como norte tanto a defesa da vida na periferia, quanto a defesa do território ‘periférico’” (Gonçalves, 2013, p. 127).



No campo da educação musical, autores e autoras têm se debruçado sobre o hip-hop como manifestação que contribui para processos formativos em diferentes contextos. Souza, Fialho e Araldi (2008) sintetizam o hip-hop como um movimento que carrega em si uma filosofia própria, marcada pelas experiências vividas nas periferias e que se traduz em valores, práticas e modos de estar no mundo. Segundo os autores, o hip-hop articula musicalidade, identidade e crítica social, constituindo-se como campo fértil para aprendizagens musicais e socioculturais (Souza; Fialho; Araldi, 2008, p. 13).

Fialho e Araldi (2009), em continuidade a essa abordagem, argumentam que o rap pode funcionar como ponte entre o ambiente escolar e o cotidiano dos estudantes, promovendo um diálogo efetivo entre saberes escolares e saberes vividos. Em suas palavras, o rap pode ser “um elo entre a escola e os territórios juvenis, contribuindo para processos de aprendizagem que considerem as experiências dos alunos em seus contextos de vida” (Fialho; Araldi, 2009, p. 77).

Djenane Vieira Silva (2018), por sua vez, analisa o papel das casas de hip-hop na formação de jovens negros e periféricos, ressaltando sua importância na construção de identidades afrodiaspóricas. A autora, com base em referenciais decoloniais e afrocentrados, afirma que a educação musical não se limita aos espaços escolares ou acadêmicos, mas também transita por “outros territórios, outros espaços comunitários” e envolve saberes que “não se encontram nos meios acadêmicos, não se encontram nos livros [...]” (Silva, 2018, p. 89). A valorização desses saberes é fundamental para a afirmação identitária e para o reconhecimento da cultura negra como produtora de conhecimento.

Outra contribuição importante nesse campo é a de Araldi (2007), que investigou os processos de aprendizagem de DJs a partir de suas práticas musicais. A pesquisa aponta que a experiência prática — a escuta, a mixagem, a improvisação — é, em si, formativa, sendo o equipamento, o repertório e o coletivo os principais instrumentos de aprendizagem. Essa perspectiva reforça a ideia de que os territórios culturais urbanos são espaços legítimos de formação musical, cujas lógicas de ensino-aprendizagem se constroem a partir da prática, da colaboração e da experiência vivida.

Para compreender essa articulação entre música, território e formação, este estudo dialoga com os aportes teóricos de Finnegan (1989) e Arroyo (2002). Finnegan, ao investigar as práticas musicais em Milton Keynes, na Inglaterra, desenvolve o conceito de “mundos



musicais” para descrever as redes locais de produção e circulação musical, enfatizando que a música está imbricada nas relações sociais cotidianas e nas dinâmicas dos territórios. Em sua visão, “a música pode igualmente bem ser vista desempenhando um papel central não apenas nas redes urbanas, mas também, de forma mais geral, na estrutura social e nos processos da nossa vida hoje” (Finnegan, 1989, p. 30, tradução minha). Arroyo (2002), em consonância, ressalta a importância de reconhecer os “territórios educativos” onde os jovens aprendem, se formam e constroem pertencimento fora das instituições escolares.

Essa concepção de música como prática cotidiana e relacional encontra aprofundamento no trabalho de Christopher Small (1998), que propõe o termo *musicking* como alternativa à compreensão da música como “coisa” ou “objeto”. Para Small, a música deve ser entendida como uma atividade que envolve ação, relação e significado. O autor afirma: “a música não é uma coisa, mas uma atividade” (Small, 1998, p. 2, tradução minha). Essa abordagem permite compreender as batalhas de rap não apenas como eventos performáticos, mas como práticas sociais complexas, que articulam saberes musicais, modos de vida e experiências de mundo.

Ao considerar o *musicking* como prática relacional situada, e os “mundos musicais” como campos sociais marcados por disputas e alianças, este trabalho compreende as batalhas de rima como territórios de formação em que se aprendem musicalidades, se constroem vínculos e se produzem sentidos sobre si, sobre o outro e sobre o mundo.

3. Metodologia

A presente pesquisa, discutida nesta comunicação, é de abordagem qualitativa e tem como método o estudo de caso, mais especificamente, um estudo de caso de natureza etnográfica (Larchert, 2017). Tal escolha metodológica busca compreender de forma densa e situada os significados, práticas e relações que emergem em torno das batalhas de rap em Natal/RN, com atenção especial à dimensão formativo-musical que se manifesta nesses contextos. A etnografia, nesse sentido, é compreendida como uma forma de inserção prolongada e participativa no campo, permitindo observar não apenas o que é dito pelos participantes, mas também o que é vivido, sentido e performado nas interações que compõem



a cena. O estudo se ancora, portanto, em uma postura investigativa atenta às vozes, aos gestos, aos silêncios e às práticas cotidianas que permeiam o campo.

Com o intuito de aprofundar a compreensão dos processos educativos que emergem no território da Batalha do Nova, recorremos também à noção de “Etnografia de Rua”, conforme formulada por Rocha e Eckert (2003), que desloca o olhar etnográfico para os espaços urbanos periféricos, reconhecendo neles não apenas a precariedade e a violência, mas também a potência simbólica, cultural e política. Os autores afirmam que “a cidade é igualmente tensão, anonimato, indiferença, desprezo, agonia, crise e violência” (Rocha; Eckert, 2003, p. 1), destacando a complexidade das relações estabelecidas nas ruas. Ao considerar a rua como campo e categoria analítica, esta pesquisa reconhece as batalhas de rima como práticas profundamente enraizadas nas dinâmicas urbanas e comunitárias, nas quais se tecem redes de apoio, sociabilidades, conflitos e aprendizagens.

Durante a primeira etapa da pesquisa, os procedimentos metodológicos incluíram observações participantes na Batalha do Nova, realizada no bairro Lagoa Azul, zona norte de Natal. Os encontros aconteceram quinzenalmente entre os meses de agosto e dezembro de 2024, sendo registrados por meio de diário de campo com atenção a aspectos musicais, organizacionais e interacionais da prática dos MCs. Na segunda etapa, foram realizadas entrevistas semiestruturadas com três pessoas envolvidas com o movimento, buscando captar suas experiências e percepções sobre a batalha, a cena do rap potiguar e os sentidos formativos atribuídos a essas vivências. Esta comunicação se dedica à análise de um desses interlocutores, *Grito*, MC e organizador da Batalha do Nova, cuja trajetória e reflexões revelam múltiplas camadas do processo formativo musical e sociopolítico que emerge nesse território.

4. Resultados

O campo empírico desta comunicação é a Batalha do Nova, que ocorre quinzenalmente nas sextas-feiras à noite na praça do Nova Natal. A Batalha está situada no conjunto Nova Natal, do bairro Lagoa Azul, zona norte da cidade de Natal-RN. Conheci o espaço por meio das redes sociais da Conferência de Batalhas do RN - CDB, tendo como critério para delimitação do campo um espaço que tivesse constante atividade, com vistas a contribuir para a investigação do processo formativo e musical dos MCs.



As observações iniciaram em agosto de 2024, com registro por meio do diário de campo. A BdN possui, assim como outras batalhas, alguns gritos e palavras de ordem próprias. Uma, em específico, faz menção ao Nova: *“Somos a luz da batalha e ela sempre revigora, aonde vocês estão? Batalha do Nova! Pega a negatividade, segura e joga pra fora, aonde vocês estão? Batalha do Nova!”*. Essas chamadas, animam o público presente e introduzem a métrica do beat. São puxadas no início de cada disputa, instigam as rimas dos MCs e sempre são continuadas com gritos *“Mata ele, carai! É o Nova, carai!”*, ecoados de forma vibrante por todos na roda.

Os organizadores são responsáveis pela condução das disputas, controle do tempo e da quantidade de rimas, definem as chaves com os MCs inscritos na noite, bem como, o método de escolha das duplas que irão se desafiar, geralmente por sorteio. Para acompanhar as rimas, é escolhida uma base rítmica, geralmente encontrada em aplicativos de streaming.

A Batalha do Nova ocorre, comumente, em duas modalidades: a tradicional ou a bate e volta. Na tradicional, os MCs têm 45 segundos para versarem, tendo por round, 1 min e 30 segundos cada. Na modalidade bate e volta, as rimas são organizadas em quatro oitavas, ou seja, o MC organiza suas rimas, compondo quatro estrofes de oito versos cada. As chaves de MCs da noite, podem ser definidas na presença de oito ou dezesseis MCs, a depender da quantidade de rimadores presentes na batalha. O vencedor é definido pelo público presente, sendo as palmas e gritos/agitação o critério de votação e em caso de haver presença de jurados, o ganhador é definido tanto pelo júri, como pelo público presente. Se houver empate, os MCs vão para um terceiro round.

5. MC *Grito*, sua trajetória e perspectivas no hip-hop

Nesta comunicação, abordaremos a trajetória de David, conhecido como MC *Grito*, um jovem negro de 24 anos, residente do conjunto Jardim Progresso, no bairro Nossa Senhora da Apresentação, também zona norte de Natal. *Grito* trabalha em um supermercado no bairro de Ponta Negra, no cargo de gerenciador. Sua história com a cultura hip-hop iniciou há cerca de dez anos, como dançarino de break. Integrou os grupos Crew Slave Beat e FHC - Família hip-hop Crew, em meados de 2015.



Ele conta que seu nome artístico se deu em decorrência da sua atuação nas batalhas de rima, pois era a pessoa que conduzia as palavras de ordem e gritos no início das disputas, bem como, marcava o ritmo com beatbox quando não havia caixinha de som para acompanhar as rimas. Por isso, passaram a chamá-lo de “*Grito*”.

Conheceu o rap através de um primo seu que também é MC de batalha. Começou a rimar na Batalha Clandestina, que surgiu durante a pandemia, com a paralisação da Batalha do Vinho e ressalta como o Vinho foi um importante espaço para a consolidação do universo das rinhas na cidade, sobretudo na zona norte, haja vista que foi pioneira no cenário de rinhas.

Antes de começar a rimar publicamente, o MC conta que ensaiava alguns versos em casa e que desde sua primeira rima em uma batalha, não parou mais, destacando essa atividade como uma válvula de escape para desabafar e expressar seus sentimentos por meio da poesia do rap. Hoje *Grito* é um dos principais organizadores da Batalha do Nova.

Ele enfatiza a Batalha do Nova como local formativo musical e de produções de sentido, manifestada em sua relação com o espaço e menciona a importância do movimento hip-hop em sua trajetória como algo que lhe ensinou a ter força e ressalta que é preciso ter coragem para estar nesse lugar, frente à discriminação sofrida nesse cenário.

[...] você que quer entrar, quer curtir, quer brincar a cultura ali, quer participar do momento, tem que ter muita coragem, porque é você entrar e saber que vai ser julgado. Você está entrando, sabendo que tem risco, né? Como, por exemplo, como muitos casos aí que tem aí, quando precisam nem estar dizendo específico, de pessoas que chega e julga, tira onda, polícia que chega, tira onda, bate só por estar aquele movimento ali, porque é uma galera mais marginalizada... [Entrevista concedida por MC Grito em 11/04/2025].

Assim, pertencer ao hip-hop pressupõe articular um movimento de resistência diante das opressões vivenciadas, sendo um ativista da cena, engajado com as dinâmicas sociais envoltas nessa manifestação urbana. Os desafios por ele relatados e o enfrentamento feito por jovens fazedores da cultura hip-hop, situam-se enquanto atitudes de defesa e produção da vida, reveladas nas práticas de uma arte periférica (Gonçalves, 2013, p. 49).

Grito menciona a batalha como um espaço para expressar o que está sentindo e quando perguntado se ele se considera um bom MC, nos diz que não, justificando que há outros MCs



que têm a dimensão da profissionalização por meio do rap, tendo sua rima como uma válvula de escape:

“[...] eu participo assim de Batalha mais como um escape, eu acho, sabe? Não é uma coisa que realmente comparado com muito MC aí que eu conheço aí, muito mano meu aí que realmente dá vida, dá o sangue, treina, faz altas paradas assim para aprender, para rimar. Eu acho que eu faço só por fazer mesmo, sabe? [Entrevista concedida por MC Grito em 11/04/2025].

Dessa maneira, ainda que *Grito* vislumbre outros objetivos como norte, suas vivências como MC nas batalhas se destacam dentro de sua trajetória como um fazedor do hip-hop. Assim, as rinhas são espaços de potente formação subjetiva e marcante ao produzir sentidos para sua prática: *Eu não faço para ser um MC, eu faço para sair do meu mundo* [Entrevista concedida por MC *Grito* em 11/04/2025].

Nesse sentido, em sua fala, evidencia o compromisso que tem para com o Nova, refletido na sua atuação enquanto organizador, sobretudo na busca por melhorias para a batalha. Um dos exemplos expressos se dá na relação deles com o local onde realizam a BdN, a praça do Nova Natal. Segundo o MC, foi devido a persistência dos hip-hoppers na articulação junto ao poder público que ocorreu a reforma do espaço: *“um dos motivos da reforma da praça foi isso também, foi a persistência da gente fazendo!”* [Entrevista concedida por MC *Grito* em 11/04/2025].

Ele destaca o engajamento do grupo com a Batalha do Nova e o local onde ela está inserida, sendo um espaço, que transcende às vivências entre as rimas e os encontros semanais de jovens MCs. Desse modo, constroem relações de apropriação desse território, refletidas na preocupação com a conjuntura do espaço e suas implicações, como embasa Pinheiro (2020):

Não se trata apenas de residir, mas comporta também a construção de um conjunto de práticas e a manutenção de interações que sustentem o convívio, convocando os sujeitos à atuação cotidiana regular. Se houve conquistas no que tange a serviços e infraestruturas urbanas e públicas, as disputas provocadas no curso da territorialização, e da produção do território então, mantém os indivíduos em tensionamento entre um senso de comunidade e a vivência de privações e risco (Pinheiro, 2020, p. 304).



O compromisso revelado pelo MC, é também destacado no que concerne às dinâmicas envoltas na praça do Nova. Por se tratar de um equipamento público, ocorrem outras atividades concomitantemente, que permitem a reunião de diferentes grupos, refletindo a dinâmica social da comunidade. Segundo MC *Grito*, antes era comum a participação das crianças, que chegavam até mesmo a rimar, além da relação de confiabilidade que a Batalha construiu com a vizinhança, citando o exemplo de mães que pediam para os MCs levarem seus filhos para o Nova:

Mas, já teve muitas vezes, a gente está batalhando aqui, está cheio de criança, as crianças que ficavam na rua, brincando, tirando onda, ficavam aqui. Um bocado de criança ficava rimando... As mães viam e falavam: “Olha, meu filho, vai rimar e tal, eu moro ali em tal canto, se você puder deixar ele lá quando terminar e tal” [Entrevista concedida por MC Grito em 11/04/2025].

A praça é entendida como um elo entre a Batalha do Nova e as outras dinâmicas de sociabilidade e a ocupação desse espaço refletem formas de experienciar a cidade e o bairro (Pinheiro, 2020, p. 302). Assim, são por meio das praças, enquanto espaços democráticos, como enfatizada o MC, que outras batalhas se organizam, como forma de aglutinar e propiciar a socialização de jovens MCs no cenário do hip-hop (Herschmann, 2005, p. 188).

Atualmente, o MC é o principal organizador da Batalha do Nova e expressa de modo significativo sua preocupação para com a manutenção desse espaço. Segundo ele, por muito tempo, a batalha virou um “rolé”, onde muitos jovens iam para socializar, beber, encontrar os amigos, mas não para dar atenção às disputas da noite: *para quem está por dentro, quem está rimando já não é um rolé, é realmente algo que a galera quer entrar de cara e mostrar o que sabe fazer para crescer, né?* E ressalta que o Nova está passando por uma reformulação, uma espécie de metamorfose de suas práticas: [...] *ainda não está 100% do jeito que a gente quer, mas de pouquinho em pouquinho vai um pouco mais* [Entrevista concedida por MC Grito em 11/04/2025].

MC *Grito* descreve como suas vivências em seu território contribuíram para sua perspectiva de mundo e na construção de valores, ressaltando que nunca ocorreu problemas de convivência onde mora, o Jardim Progresso, mas destaca seu contexto de vulnerabilidade, uma localidade com agravantes de violência ainda mais acentuados do que o Nova Natal, segundo ele. Reconhece esse espaço como significativo para sua formação pessoal e comunitária e



expressa o sentimento de pertencimento com sua comunidade, mesmo relatando a possibilidade de mudanças, de uma possível saída deste local.

[...] querendo ou não, nasci lá, então tudo que eu aprendi foi através de lá. Mas para o futuro, eu pretendo ter outras mudanças, mas é algo que é bem significativo, né? [...] acho que a maior parte da minha escola foi lá dentro. Então, vou dizer assim, em relação a rua, a bairro, quebrada, o que me ensinou a saber entrar e sair dos cantos querendo ou não foi aonde eu moro [Entrevista concedida por MC Grito em 11/04/2025].

Ainda, descreve a sua comunidade como espaço afetivo, refletido na construção de vínculos: *amizades, vivência, visualização de onde eu tô [...]*. Portanto, por meio desse lugar, ele pode formar uma teia de relações, que contribuíram para sua formação pessoal, coletiva, a constituição de si, do outro e da dimensão que o território periférico abrange em sua dinâmica social e política.

No que concerne à formação musical dentro do contexto das batalhas de rima, MC *Grito* destaca o desenvolvimento performático dos MCs que frequentam o Nova. Para ele, as rinhas são um importante espaço para capacitação de novos rimadores e cita o exemplo de um dos projetos de jovens do movimento que tem como intuito articular o crescimento das batalhas pelas praças da cidade:

[...] a chance de formar mais MCs, mais MCs é muito grande. Tem até o projeto dos boys aí que é Batalha nas Praças. Cada praça os boys puxam uma Batalha e nessas praças, cada vez que ele bota lá os MCs que não tem o costume de rimar né? Vê assim e fala “pô, eu fico rimando em casa, eu acho que eu vou tentar rimar...” Aí rima e se dá bem, fica legal, aí fica sempre começando, continuando... Então, a chance de criar mais MCs é cada vez maior. [Entrevista concedida por MC Grito em 11/04/2025].

Desse modo, além da prática constante, que propicia o desenvolvimento das performances musicais dos MCs durante as disputas, os conteúdos empregados nas rimas dos jovens carregam elementos que articulam a dimensão crítica, engajamento e ativismo social (Gonçalves, 2013, p. 135). Nesse sentido, essa reflexão vai de encontro com o que discute Finnegan (1989), ao considerar que a prática musical detém relevância sobre questões centrais da sociedade urbana (Finnegan, 1989, p. 296).



O MC relata como a Batalha forma musicalmente os jovens, uma vez que permite desenvolver desde os aspectos iniciais do rap.

Rapaz, ajuda sim, porque querendo ou não você começa a aprender o fundamento, né? Que é o rimar, o AB AB, é tipo rimar o começo da frase com o final. Você começa a entender o tempo do som, do beat que você está escutando. Então isso é tudo um progresso para você que quer cantar. “Ah, eu gosto de fazer música!” Você começar como MC e rimar assim, já consegue fazer uma porta imensa, né? Tanto que tem muitos artistas que você vê assim que canta, canta, canta, mas quando chega na hora de rimar, se perde, porque consegue só focar realmente em música, mas pra rimar, improvisar é totalmente diferente, né? Então pra quem improvisa, pra quem chega na Batalha e faz um improviso, tá com 80% de chance de fazer uma música bem mais fácil do que uma pessoa que não de quem não rima [Entrevista concedida por MC Grito em 11/04/2025].

Grito destaca essa figura do MC de batalha e de sua constante prática da rima e improvisação, que colaboram para a construção de seu perfil artístico e performático. A dimensão musical é também evidenciada nos parâmetros básicos do rap como *flow*, métrica, tempo do beat, rimas, semântica, etc. “*Você consegue cronometrar direitinho o seu tempo onde você está rimando, consegue criar uma história, consegue pensar rápido, tem uma criatividade bem mais extensa... [...] você expande muito o seu conhecimento em relação a música*” [Entrevista concedida por MC Grito em 11/04/2025].

Aspectos performáticos, musicais e críticos-sociais se inter-relacionam na dimensão prática das batalhas de rap e constituem esse espaço como produtor de sentidos e de pertencimento. Há uma ampliação do papel da música, ao passo que se integra à outros aspectos, então, a música se configura como um elemento significativo para eles, tanto individual como coletivamente, ultrapassando os limites restritos e literais do fazer musical (Finnegan, 1989, p. 298).

Por fim, quando perguntado sobre quem seria sem a Batalha do Nova, MC Grito menciona que não só ela, mas o movimento hip-hop no geral, fez parte de uma grande mudança em sua vida. Além dos aspectos técnicos como oratória e dicção, ele destaca que aprendeu a ter coragem, “*ter mais peito para resolver as coisas*”. Desse modo, a rima funciona como arena de expressão subjetiva, e por meio dela, ressalta que pode desabafar sentimentos: *[...] tinha muito momento difícil em casa, assim, complicado, trabalho, vida e no lugar da pessoa pegar e se*



expressar ou guardar para a pessoa, vinha para Batalha e rimava... [Entrevista concedida por MC Grito em 11/04/2025].

6. Considerações preliminares

A vivências do MC no contexto da Batalha do Nova, denotam que há uma produção de sentidos para sua trajetória, quando esta se articula à dimensão local e nas dinâmicas de sociabilidade de jovens periféricos que constroem o movimento hip-hop. A Batalha se torna um lugar que exprime afetos e o pertencimento, revelados no engajamento do MC *Grito* com o local onde ela está situada, a praça do Nova, seja na defesa e busca por melhorias estruturais, como pela valorização do hip-hop nesse espaço.

As reflexões apresentadas neste trabalho reforçam a potência do hip-hop para múltiplas dimensões da formação musical, humana, cidadã, estética e ética. Ao reconhecer as ruas e as praças como territórios formativos, este estudo, que encontra-se em andamento, tem o potencial de contribuir com uma concepção ampliada de educação musical, atenta às epistemologias das periferias e aos saberes que emergem das experiências vividas nas ruas e nas relações comunitárias e da resistência cotidiana.

Referências

ARALDI, Juciane. Prática musical de DJs e educação musical. In: XVII CONGRESSO DA ANPPOM, 2007. *Anais...* São Paulo, 2007. Disponível em:



https://anppom.org.br/anais/anaiscongresso_anppom_2007/educacao_musical.html. Acesso em: 21 de julho de 2025.

ARROYO, Margarete. Mundos musicais locais e educação musical. *EM PAUTA*, v. 13, n. 20, junho, 2002. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/empauta/article/view/8533> . Acesso em: 28 de jul. 2025.

FIALHO, Vania Malagutti; ARALDI, Juciane. Fazendo rap na escola. *Música na educação básica*. Porto Alegre, v. 1, n. 1, outubro de 2009. Disponível em: <https://revistameb.abem.mus.br/meb/article/view/115> . Acesso em: 28 de jul. 2025.

FINNEGAN, Ruth. *The hidden musicians: making-music in an English town*. Cambridge: Cambridge University Press, 1989.

GONÇALVES, Julimar da Silva. *Poéticas do rap engajado e juventudes nas periferias urbanas de Natal-RN*, Natal, 2013. 200 f. Tese (Doutorado em Ciências Sociais) – Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes, Programa de Pós Graduação em Ciências Sociais. Natal, 2013.

LARCHERT, Jeanes Martins. O estudo de caso do tipo etnográfico na pesquisa em educação. In: MORORÓ, L.P., COUTO, M. E. S., e ASSIS, R. A. M., orgs. *Notas teórico-metodológicas de pesquisas em educação: concepções e trajetórias* [online]. Ilhéus, BA: EDITUS, 2017, pp. 123-141. Disponível em: <https://books.scielo.org/id/yjxdq/pdf/mororo-9788574554938-06.pdf> . Acesso em: 28 de jul. 2025.

LOUREIRO, Braulio Roberto de Castro. *Autoeducação e formação política no ativismo de rappers brasileiros*, Campinas, 2015. 216f. Tese (Doutorado) - Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas. Campinas, 2015.

PINHEIRO, Leandro Rogério. Individuação em periferias e apropriação da educação: considerações desde a produção de narrativas. *Cadernos de Pesquisa*, São Luís, v. 27, n. 1, jan./mar., 2020. Disponível em: <https://periodicoseletronicos.ufma.br/index.php/cadernosdepesquisa/article/view/14756/7782> . Acesso em: 21 de julho de 2025.

ROCHA, Ana Luiza Carvalho da; ECKERT, Cornelia. Etnografia de Rua: Estudo de Antropologia Urbana. *Iluminuras*, Porto Alegre, v. 4, n. 7, 2003. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/iluminuras/article/view/9160> . Acesso em: 23. jul. 2025.

SANTOS, Célio José dos. Juventude e Educação Não-Formal: uma Análise das Práticas Educativas do/ no hip-hop Soteropolitano. *CIDADES, Comunidades e Territórios*, Lisboa, n.24, p. 76-87, 2012.

SILVA, Djenane V. S. “Uma fita de mil grau”: o movimento hip-hop na construção de identidades culturais e afrodiaspóricas. 155 p. Dissertação (Mestrado) – Escola de Música, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2018.



SMALL, Christopher. *Musicking: the meanings of performing and listening*. Middleton: Wesleyan University Press, 1998.

SOUZA, Jusamara.; FIALHO, Vânia Malagutti; ARALDI, Juciane. *Hip-hop: da rua para a escola*, 3 ed. 136 f. Porto Alegre: Sulina, 2008.

TEPERMAN, Ricardo. *Se Liga no Som: As transformações do rap no Brasil*. São Paulo: Claro Enigma, 2015.

